



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Discurso

(Debate do Plano e Orçamento do 2009)

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Estamos hoje reunidos neste hemiciclo para debater a política orçamental, a curto e médio prazo, da Região Autónoma dos Açores. Por circunstâncias que todos - com excepção do Governo - conhecemos, este momento único da nossa democracia adquire, na actual conjuntura, uma grande transcendência. bateu sobre o mundo e que, muito por culpa da errática e desastrosa política económica seguida por este Governo, chegou, com inusitada violência, aos nossos lares.

A crise chegou aos Açores, com esta gravidade estrutural, devido ao facto de, ao longo de treze longos anos de governo, a acção governativa do PS se ter caracterizado por mais não ter sido - como alguém afirmou em relação ao gémeo siamês que vegeta na República - que um longo intervalo publicitário.

Faça-se aqui uma análise séria das condições estruturais que caracterizam a nossa economia. Ao contrário de qualquer Estado da União Europeia, a Região Autónoma dos Açores possui um fluxo de receitas externas estabilizado.

Estas receitas são, no actual quadro temporal - faça chuva ou Sol, governe o Sr. Carlos César ou qualquer outro, seja o Governo bom ou mau - algo blindado a qualquer oscilação conjuntural. Isto significa que este Governo começa o dia, aconteça o que acontecer, com o copo meio cheio (cerca de 50% das receitas resultam da soma das transferências do Orçamento de Estado e da União Europeia).



**Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores**

Com esta vantagem inicial, acredito que o Sr. Carlos César esteve realmente convencido, até ao inevitável despertar para a realidade, que poderia aqui fazer uma espécie de brilharete.

O que falhou então para que o Presidente do Governo Regional tenha, por fim, reconhecido a evidência da crise açoriana? Confissão que fez por altura da inusitada visita que realizou - de barão ao pescoço, ao melhor estilo de Egas Moniz - ao Presidente da República.

O que falhou, meus senhores, foi o facto - que é, de resto, uma evidência - de governar, e de nos ter governado na última década, o Partido Socialista. Que é grande parte do problema e nunca parte da solução.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Governa hoje quem apelidou de "fariseus" todos os que chamavam a atenção para a desenfreada especulação e para os salários principescos dos grandes banqueiros.

Governa quem nos afundou numa política de betão que inchou e fez rebentar a nossa própria bolha de especulação imobiliária.

Governa quem criou uma sociedade de subsídio-dependentes, subtraídos irracionalmente ao esforço laboral da população activa açoriana.

Governa quem desmantelou um sector agrícola diferenciado para, em seu lugar, montar um sistema de monoprodução agrícola terceiro-mundista. Por isso é que as oscilações do preço do leite terão efeitos tão catastróficos nos nossos agricultores.

Governa quem hipotecou o presente e o futuro financeiro da Região numa torrente de avals e dívidas, projectadas no teatro de sombras protagonizado pelas sociedades: anónimas na responsabilidade, universais no pagamento da factura que todos os açorianos teremos de suportar durante gerações.



**Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores**

Governa quem, em treze anos de poder ininterrupto, logrou colocar o nosso sistema de saúde de joelhos.

Governa quem, há treze anos, começou a correr no fundo do pelotão educativo europeu e que de lá não teve capacidade, arte ou engenho para sair.

Governa quem não soube preservar o equilíbrio dos nossos mares, hoje claramente ameaçados de ruptura biológica devido a um esforço de pesca excessivo que o Governo não soube ou não quis prever.

Governa quem transformou a política ambiental numa mera floresta de papel burocrático, cujos resultados concretos resultam unicamente da espantosa vitalidade do nosso extraordinário meio natural. A esta área governativa chegou, aliás, alguém que é um perigo para o ambiente. Valha-nos a Providência de não lhe terem dado dinheiro. Antes só que mal acompanhado, dirá o nosso ambiente.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Governa quem transformou a política de transportes numa anedota. Os barcos para o transporte marítimo de passageiros nascem mais velhos, coxos e remendados que o Brad Pitt no seu último filme. O transporte aéreo é o monopólio mais caro do Velho Continente, algo que transforma a sobrevivência do sector turístico numa impossibilidade prática.

Governa quem implementou uma desgraçada política de emprego. Um flagelo que cresce desmesuradamente perante a aflitiva impotência do Governo Regional.

Finalmente - e para abreviar - governa quem, depois de treze anos de governo, deixa o grau de convergência económica dos Açores com a União Europeia (68%) mais próxima dos valores alcançados pela tribo amazónica dos Galibi da Guiana Francesa (50.5%) do que da Madeira ou das Canárias, respectivamente 94,9% e 93,7%.

Senhor Presidente



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Este não é - por tudo o que fica dito e pelo muito mais que ficou por dizer - o Governo ideal para enfrentar uma crise desta dimensão. Apesar de tudo, aguardei com mediana esperança, que o Governo pudesse, nesta ocasião, transcender-se. E o que é que aconteceu?

Depois de ter negado o óbvio, o Governo Regional rendeu-se a uma crise que guardou obsessivamente só para si. Sozinho, fechado a sugestões e obliterando as iniciativas dos partidos da oposição, o Governo engendrou o Orçamento, o Plano e as Orientações de Médio Prazo que aqui estamos a discutir.

Olhe-se por onde se olhe estes documentos, só se consegue ver rotina, miopia e impotência. É certo que a roupagem ideológica do discurso é nova. O PS transformou-se, nas últimas duas décadas, num adepto inveterado do transformismo ideológico.

Vê-se que abandonaram as roupagens liberais. Remexeram bem no fundo da gaveta e voltaram a vestir a indumentária retórica do socialismo de Estado.

Quanto ao mais, os mesmos erros de sempre. O maior esforço do investimento dirige-se novamente para a obsessão do betão. Tentam manter vivo um paciente agónico que, por mais dinheiro que enterrem, não voltará nunca ao seu velho esplendor.

As despesas de funcionamento continuam a crescer. Não importa que seja ligeiramente, como referencia a doce retórica governamental. Simplesmente crescem e tinham, obrigatoriamente, de descer.

A partir daí, vamos de mal a pior. O esforço, relativo, de investimento na agricultura desce. Estamos à beira da maior alteração estrutural da agricultura açoriana das últimas três décadas, mas o Governo comporta-se como a célebre orquestra do Titanic, que tocava, de forma impassível, enquanto o navio se afundava.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Choca, neste orçamento, a estagnação relativa da despesa no âmbito das funções sociais. Obviamente, na actual conjuntura, teria de crescer ... e muito.

Neste âmbito, quero realçar um pormenor que me parece inaceitável: a obsessão com as obras do Palácio de Santana. Não são tempos para obras em Palácios. Afinal, o monárquico aqui ainda sou eu e ... eu não vou por aí.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Três questões finais. A primeira relaciona-se com o aumento da dependência relativa do orçamento regional em relação às verbas provenientes do Orçamento de Estado e da União Europeia. No contexto em que nos movemos é uma inflexão histórica, para mais quando se sabe que a manutenção do montante destas verbas é vulnerável a critérios e vendettas políticas.

A segunda é a ficção da evolução da programação das Orientações de Médio Prazo. O mais relevante não é sequer a inversão do esforço orçamental projectado na economia açoriana: aspirinas para a fase de coma em que vivemos e larguezas para o velório do fim da governação socialista. O mais relevante é que semelhante projecção é um exercício de irrealismo inqualificável.

Por fim, a política de coesão. Deixo apenas uma palavra: desastrosa. No debate da especialidade corrigirei alguma coisa, nomeadamente no que se refere ao Corvo. Uma ilha mártir nas mãos deste Governo.

Disse!

Horta, 31 de Março de 2009

O Deputado

(Paulo Estêvão)